

## FORMAÇÃO PARA A ESCRITA LITERÁRIA NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Leila Pinheiro Xavier<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

*Resumo:* Sob a ótica da formação para a escrita literária, o Ensino Superior brasileiro registra uma ausência. Esse fato exigiu que o público interessado em escrever literatura no Brasil recorresse ao caminho do autodidatismo ou a outro tipo de formação dentro ou fora do país. Mais recentemente, começamos a vislumbrar uma mudança nesse quadro com a chegada de cursos de formação de escritores em nível de Especialização. A proposta deste artigo é investigar como os cursos de pós-graduação em Formação de Escritores ou Escrita Literária/Criativa têm se estruturado no Brasil nas últimas décadas. Proponho discutir este fenômeno sob a ótica dos Estudos Literários e da Crítica Cultural, investigando as possíveis razões da ausência de formação de escritores em nosso país. O trajeto escolhido do caminho metodológico percorrido centra-se na pesquisa qualitativa de cunho descritivo, elaborada a partir de material já publicado sobre o tema em diversas fontes, se tratando, portanto, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, de uma pesquisa bibliográfica. O que se busca, além de oferecer uma visão mais detalhada sobre a chegada dos cursos superiores de formação de escritores no Brasil, é investigar os modos de produção de conhecimento para a escrita literária antes da chegada dos cursos de pós-graduação, para discutir as possibilidades trazidas com a eclosão dos mesmos para os egressos de Letras. Defendemos, assim, a necessidade de inclusão da formação para a escrita entre as demandas dos cursos superiores de Letras como uma alternativa de profissionalização dos escritores brasileiros.

*Palavras-chave:* Formação de escritores. Curso de Letras. Ensino.

### INTRODUÇÃO

Até bem pouco tempo atrás era impensável ao estudante de Letras profissionalizar-se em escrita literária no Brasil. Os cursos e toda a sua estruturação apontavam apenas para o exercício da docência. Assim, fazer Letras implicava quase que unicamente em tornar-se professor (a). Ainda hoje uma análise dos componentes curriculares dos cursos pode indicar pouca ou nenhuma alteração em sua estrutura ao longo dos anos e a maioria dos cursos de Letras seguem apenas formando profissionais docentes.

Mais recentemente, entretanto, começamos a visualizar o fenômeno de ingresso de cursos de graduação ou especialização para formar escritores, oferecendo fundamentos para a escrita literária no Brasil. A irrupção desses cursos não significou ainda uma adesão dos cursos de Letras ou uma alteração curricular, mas apresentou-se enquanto uma alternativa de especialização para os egressos dos cursos superiores de Letras e também dos graduados de áreas afins. A preparação para a criação literária ainda dá seus primeiros passos entre nós, mas cumpre ser a oferta de mais uma possibilidade para aqueles que desejarem a carreira de escritor.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Bolsista CAPES. E-mail: leilapinheiro8@gmail.com.

Longe de defender o beletrismo, que reduz a potência da escrita enquanto força transgressora, ou de corroborar a ingênua concepção de que é possível ensinar a escrever por intermédio da sistematização de alguns elementos que compõem o texto literário, nossa ideia de que os cursos superiores de formação para a escrita que começam a se instalar no Brasil se apresentam como uma boa alternativa para o estudante de Letras se sustenta no fato de que é preciso oferecer oportunidade de profissionalização neste setor. De modo bem simples, se admitimos que seja possível ensinar a dançar, pintar ou tocar um instrumento, também devemos admitir que é possível uma formação e conseqüente profissionalização para quem deseja tornar-se escritor(a) literário.

De acordo com Assis Brasil (2014), A Escrita Criativa existe enquanto disciplina acadêmica nos Estados Unidos e na Inglaterra há mais de um século, embora ainda se constitua novidade em nosso país. Aqui este tipo de formação ainda se restringe a uns poucos centros acadêmicos e a cursos realizados fora do sistema oficial. Pode-se ainda encontrar alguma literatura, ficcional ou não, indicando caminhos para quem deseja tornar-se escritor. Isso revela o esforço de preenchimento dos vazios da formação para a escrita literária no Brasil ao passo em que demarca uma crescente demanda.

Os cursos de formação de escritores que chegaram ao Brasil a pouco mais de meio século já figuram na Universidade de Harvard - EUA desde 1880 (RAMEY, 2007, apud MANOCELOS 2010, p. 156), multiplicando-se durante a década de trinta, altura em que surge o primeiro mestrado na área, na Iowa University (VANDERSLICE, 2007, apud MANOCELOS, 2010, p. 156). Ou seja, esta área foi incluída nos programas acadêmicos dos EUA há mais de cento e trinta anos, entretanto ainda aparece timidamente no Brasil.

Foucault (1996) em sua obra *A ordem do discurso* nos alerta para o fato de que os discursos que passam pela sociedade são controlados, produzidos, difundidos ou recepcionados como forma de poder e repressão. Ele esclarece ainda que são muitos os procedimentos de repressão do discurso. “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 1996, p. 8).

O modo como se delineia a formação de escritores no Brasil nos remete a esse questionamento de Foucault (1996) e nos faz perguntar algo semelhante: Por que nos negamos, por tanto tempo a oportunizar a formação de escritores literários em nosso país? Essa pergunta surge porque o lugar ocupado pela literatura, enquanto produto cultural, nunca foi o necessário ou o esperado para possibilitar o empoderamento discursivo desta nação. Segundo Deleuze e Guattari (1977, p. 25) “[...] a consciência nacional, incerta ou oprimida, passa necessariamente pela

literatura". Através da palavra escrita o indivíduo encontra um canal de manifestação de sua identidade e de sua cultura e este, opera como um libertador da opressão e interdição a que somos submetidos enquanto país pós-colonizado.

Motivados por esta questão nos propomos discutir o modo como a escrita literária vem sendo entendida entre nós. Esta concepção, aparentemente despida de problemas, foi rediscutida pelos Estudos Literários e pela crítica contemporânea, exigindo um esforço de esclarecimento aqui.

A relação entre autor e escrita de que temos registro inicia-se pelo período dos manuscritos, quando escribas frequentemente alteravam os textos que transcreviam e copiavam. Neste período a noção de autoria não era significativa. Mais tarde aparece o papel de criador. As palavras e histórias criadas serviam para avaliar a individualidade e reconhecimento do autor. Assim, com o passar do tempo, a ideia de autoria foi se consolidando.

Foucault (1992), ao tratar da identidade autoral, nos diz que, historicamente, os textos passaram a ter autores na medida em que os discursos se tornaram transgressores com origens passíveis de punições. É com a instituição do sistema de propriedade, que traz regras restritas sobre direitos do autor entre os séculos XVIII e XIX, que a escrita enquanto transgressão passou a se constituir um bem. A autoria, nessa concepção, não é apenas a atribuição de um texto a alguém que o cria, mas sim uma "[...] característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade [...]" (FOUCAULT, 1992, p. 46).

Esse tema instigante também foi discutido por Roland Barthes em *"A Morte do Autor"*. Ele problematiza a questão da autoria enfatizando a questão da não existência do autor fora ou anterior à linguagem. Barthes (1984) vê o autor como sujeito social e historicamente constituído, como um produto do ato de escrever - é o ato de escrever que faz o autor e não o contrário. Nesse estudo, Barthes (1984) afirma que "[...] a escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve." (p. 1).

Somente com a noção de hipertexto que, enfim, houve uma desvinculação da ideia de escrita atrelada obrigatoriamente a uma autoria posto que o hipertexto possibilita a cada leitor adicionar, alterar ou simplesmente editar outro texto, abrindo possibilidades de uma autoria coletiva e quebrando a ideia da escrita como originária de uma só fonte.

Nesse sentido, hipertexto e teoria contemporânea reconfiguram a ideia de escritor e de escrita. E, são essas novas noções de que fazemos uso ao tratar da chegada dos cursos de formação para a escrita literária no Brasil.

Num esforço por definição, o escritor contemporâneo pode ser considerado todo e qualquer indivíduo que queira representar a vida por meio do simbólico e a escrita define-se por uma criação que não exige ser obrigatoriamente original ou exclusiva. Assim, pergunta-se: Qual o papel dos cursos superiores de formação para a escrita? Como eles podem contribuir positivamente para os cursos e estudantes de Letras?

O presente trabalho objetiva clarificar, com brevidade, as perguntas levantadas aqui, com o intuito de mostrar como esse quadro se delineou ao longo da última década, este artigo propõe pensar a ingressão destes cursos considerando duas questões centrais. Primeiro, a história da formação para a escrita literária no Brasil. Segundo, a chegada dos cursos de especialização em escrita literária/formação de escritores no Brasil, tentando entrever as possibilidades que estes cursos trazem para os estudantes e os cursos de Letras. Desse modo, acreditamos que essa análise poderá contribuir para uma compreensão mais adequada da força e dos limites que os atuais cursos de formação para a escrita literária no Brasil possuem e de suas possibilidades para os egressos de Letras.

#### **PERFAZENDO O CAMINHO DA FORMAÇÃO PARA A ESCRITA LITERÁRIA NO BRASIL**

A história da formação para a escrita literária no Brasil está intrinsecamente interligada à história das políticas culturais de nosso país. Isso porque a presença ou omissão do Estado no fomento à criação literária e as demandas levantadas pela população impulsionaram boa parte do investimento nesse campo. A partir das obras de Lindoso (2004) e Rubim (2010) refizemos nos trabalhos anteriores o percurso da formação para a escrita literária no Brasil, considerando o posicionamento político cultural assumido.

Resumidamente, a história da formação para a escrita literária em nosso país se restringe a algumas ações de mecenato na época do império, à expansão do sistema educacional e à regulamentação de ações em prol da produção escrita. Entretanto, nenhum esforço maior foi realizado no sentido de nos fazer avançar frente à preparação para a escrita. Essa realidade começa a se alterar à medida que surgem os cursos de formação de escritores em nosso país, se instituindo enquanto um caminho para os egressos de Letras que desejarem se profissionalizar nesse campo ou graduados em cursos superiores com igual intuito. E, é a chegada destes cursos de formação para a escrita que passamos a visualizar a partir desse ponto.

## OFICINAS DE ESCRITA CRIATIVA E PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE ESCRITORES – CAMINHOS PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO EM ESCRITA LITERÁRIA NO BRASIL

As oficinas de escrita criativa são relativamente novas em nosso país. As principais de que temos notícias datam de pouco mais de cinco décadas atrás. Um dos expoentes desta atividade em nosso meio é o Professor Luiz Antônio de Assis Brasil. Em sua página na internet, ele busca esclarecer alguns equívocos e preconceitos em relação a este modo de formação através de um artigo/seção denominado *Oficinas literárias*. Assis Brasil, como é conhecido no meio acadêmico, começa esse desafio nos oferecendo um breve histórico das oficinas de criação literária. Ele corrobora que os laboratórios de texto tiveram seu início nos Estados Unidos, na década de 1930-40, mas, segundo ele, foi a partir da Segunda Guerra Mundial que encontraram seu pleno florescimento. Como primeiro curso citado está o *Program in Creative Writing* iniciado pela Universidade de Iowa em 1936, sob a direção de Wilbur Schramm. Essa oficina passou em 1941 aos cuidados de Paul Engle, e ficou sob sua responsabilidade por vinte e cinco anos, ainda segundo este autor. Neste período o curso se delineou e passou a ser reconhecido.

É claro que o pouco tempo de atuação dessas oficinas em nosso país geram certa desconfiança quanto a sua eficácia. Assim, surgem muitos equívocos que Assis se ocupa de esclarecer. O primeiro deles é pensar que as oficinas trabalham uma uniformização dos textos produzidos. O autor tenta desfazê-lo disponibilizando as coletâneas produzidas nas oficinas das quais faz parte para avaliação. A este respeito, Assis Brasil (2014) diz:

Trata-se, este, de um pensamento simplificador, e todas as simplificações são vistosas. Temos de pensar um dado, contudo: se ninguém - repito: ninguém - apresentou estudo que viesse a comprovar essa alegada uniformização, circunscrevendo-se ao mero palpite, temos a considerar a realidade da série de vinte e seis antologias de alunos da "Oficina da PUCRS", editadas sob a denominação genérica de Contos de oficina: quem tiver o cuidado de lê-las sem prevenção, verá que ali estão presentes todas as temáticas e todas as opções técnicas imagináveis: há humor, há política, há sátira, há conflito íntimo, há conflito social; por outro lado, esses temas expressam-se na utilização dos mais variados narradores e procedimentos formais. Há textos lineares e fragmentados. Há experimentalismos e "bons comportamentos". Há contos curtos e contos longos. Se têm algo em comum, é a correção e a limpeza textual - o que, pelo sabido, ainda é uma virtude. É ler e conferir, já que os livros estão disponíveis para consulta (ASSIS BRASIL, 2014, s/p).

Outra afirmação combatida por Assis Brasil (2014) em seu texto, é que os grandes autores não precisaram passar por cursos de formação. Pode até ser verdadeira a afirmação, ele diz, entretanto, é correto dizer que eles pensaram suas obras, submeteram-nas para análise de seus colegas, e em função disso, refizeram suas escritas, acertaram a forma e refletiram sobre o que escreveram. Ações que são feitas dentro de uma oficina literária de forma sistemática. Aí temos um esforço de Assis por

elencar exemplos de parcerias e trocas entre autores na construção de seus textos, o mais significativo seria a célebre crítica que Machado de Assis escreveu ao *O primo Basílio*, na Revista O Cruzeiro, de 16 de abril de 1878 onde, pela primeira vez, foi dita em português, a expressão "oficina literária": "[Eça de Queirós] transpôs ainda há pouco as portas da oficina literária [...]". (Apud ASSIS BRASIL, disponível em: <http://www.laab.com.br/oficina.html>). Esta expressão não é uma referência ao fenômeno moderno discutido neste artigo, mas chama a atenção para a existência de uma "técnica da literatura" e para a necessidade de um aprendizado dessa técnica.

O que se constata, a partir da escrita de Assis Brasil é que as oficinas de criação literária sempre existiram. A sua sistematização é que se apresenta como certa novidade. Sem maiores pretensões assue-se enquanto espaços privilegiados para o exercício da criação, da troca de ideias, de aconselhamento e podem oportunizar o conhecimento dos métodos de composição. Alicerçados na premissa de que escrever, como qualquer outra arte, exige dedicação, informação e conhecimento técnico, as oficinas literárias, com a configuração que temos, se configuraram como estes dispositivos de formação para a escrita no Brasil. O que veremos é como esta ação formativa se instauram nos cursos superiores e qual a contribuição que trazem para os egressos dos cursos superiores de Letras.

Uma reportagem recente publicada em 05 de Março de 2014 no jornal *O Estadão* de São Paulo-SP trata da chegada dos cursos de formação em escrita literária no Brasil. Nela, são relatadas as experiências dos cursos de autores nacionais em oficinas realizadas em Cuba e nos Estados Unidos ou mesmo nas oficinas mais tradicionais brasileiras e hoje seguem o caminho como executores de oficinas. São citados Roberto Taddei, atual coordenador do curso de Especialização em Formação de escritores do Instituto Superior de Educação (ISE) - Vera Cruz, Socorro Acioli, o próprio Assis Brasil, pioneiro no ensino da escrita em nosso país, a jornalista Rosângela Petta, o escritor João Silvério Trevisan, que há 27 anos também realiza oficinas em São Paulo-SP. Também nesta reportagem existe uma preocupação em mostrar como se dá a construção de um autor e de uma obra.

A variedade de cursos oferecidos é grande e se aplica a diferentes níveis e objetivos. Essa crescente oferta já havia sido anunciada pelo site Terra em 11 de junho de 2012 no artigo eletrônico *Universidades integram oficinas de escrita criativa ao currículo*. Lá, além de se falar da chegada dos cursos, Noemi Jaffe, professora de Literatura Brasileira e Crítica Literária da pós-graduação em Letras da PUC-SP discute o alcance desses cursos para os estudantes de nível superior:

A experiência pode ser válida também para os estudantes que ingressam na faculdade de Letras para seguir carreira literária: Noemi observa que muitos cursos de graduação ainda carecem de disciplinas práticas e aulas em que a análise

literária se compromete mais em estudar os recursos técnicos do que o autor ou período da obra em si, aspectos que podem ser explorados nas oficinas.<sup>2</sup>

Uma consulta feita ao site do MEC revela que são cerca de 2.150 (dois mil, cento e cinquenta) cursos de Letras em atividade no país. Entretanto, a graduação em Letras destinada à formação de escritores é ainda um empreendimento recente no meio acadêmico brasileiro e pouco encontrado mesmo em universidades estrangeiras. A demanda dos estudantes foi um dos principais motivos que levou à criação do bacharelado em Letras com habilitação em Produção Textual pela PUC-Rio em 2004. No currículo, são combinados os conhecimentos básicos do curso de Letras, como Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, a uma série de oficinas sob o formato de disciplinas opcionais, divididas em gêneros literários (poesia, roteiro, dramaturgia) e não literários (lexicografia, texto institucional e texto editorial). Além dos professores da universidade, as aulas são ministradas também por romancistas, poetas e roteiristas, modelo que parece ter sido importado de algumas academias norte-americanas como vimos no quadro apresentado por Assis Brasil nesta seção.

Os cursos de Letras passaram por significativas mudanças no campo metodológico e científico a partir dos anos 80. A coexistência de estudos literários e não-literários foi algo que trouxe o sujeito para o *corpus* da pesquisa. Assim produto e produtor são igualmente estudados. E é nesse contexto que a literatura desce do palco privilegiado do livro, de acordo com Santiago (2004). O fato é que, apesar de vivenciarmos essa reviravolta a mudança no curso de Letras não se processou de modo a admitir tais avanços. Trouxemos o sujeito como *corpus* das pesquisas, abraçamos as políticas de identidades, da crítica literária cultural, mas não conseguimos resgatar o estudante de Letras do despejo linguístico e literário a que foi submetido no contexto da colonização. O direito linguístico e literário, recente objeto de estudo dos cursos de Letras ainda precisa abrir-se para as novas possibilidades que surgem dessas demandas em ascensão, entre elas, os cursos de formação para a escrita literária como uma alternativa de profissionalização dos egressos, e dispositivo de combate à crise dos cursos de Letras.

Nessa perspectiva, listamos aqui alguns cursos de graduação e pós-graduação que já figuram oficialmente nas instituições de nível superior como mais um atrativo e possibilidade de atuação para os estudantes de Letras. Eles ainda são poucos e recentes, mas se constituem como uma nova perspectiva para a área de Letras:

**Tabela 3: Cursos superiores de formação de escritores**

| Curso | Instituição |
|-------|-------------|
|-------|-------------|

<sup>2</sup> Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/universidades-integram-oficinas-de-escrita-criativa-ao-curriculo,b40ddc840f0da310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 8 abr. 2014.

|  |                |
|--|----------------|
| Curso superior de formação de escritores e agentes literários      | UNISINOS       |
| Bacharelado em produção textual (formação de escritores)           | PUC-RIO        |
| Pós-graduação em formação de escritores                            | ISE- Vera Cruz |
| Pós-graduação em Letras (área de concentração em Escrita Criativa) | PUC- RS        |

Fonte: Levantamento na web, 2014.

O escasso número de cursos de graduação e pós-graduação em Formação de escritores em atividade hoje no nosso país pode ser reflexo da resistência da academia a esta modalidade educativa. Existia uma recusa justificada pela crença de que o ensino da escrita literária seria uma apologia ao beletismo. Pensar a chegada desses cursos em nosso país e a grande procura que possuem nos faz refletir sobre as demandas que temos e nisso, os cursos de Letras tendem a se beneficiar atraindo um novo público através da reformulação do seu currículo ou da oferta de cursos de pós-graduação em formação de escritores.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A introjeção dos cursos de formação de escritores no Brasil foi contemplada nesse artigo de modo a analisar o seu impacto e as possíveis contribuições para os cursos de Letras. As políticas culturais para o Livro, Leitura e Bibliotecas no Brasil, como vimos, dedicaram pouco do seu espaço para tratar a questão da formação para a escrita literária em nosso país. Com algumas raras exceções começamos a vislumbrar um movimento em direção ao preenchimento desta lacuna na história de nossa formação. Com um atraso significativo frente aos países que já adotaram o curso em seus sistemas educacionais, as oficinas de criação literária ganharam força fora do sistema oficial para depois começar a ser incorporado nas instituições de nível superior. Ainda são poucos os cursos oferecidos em nível de graduação e pós-graduação, entretanto, eles sinalizam um desejo e crescente demanda pela profissionalização do setor.

O cuidado com a criação literária fortalece a nossa singularidade cultural e tem muito a dizer sobre o papel da literatura em nosso contexto. Por isso, à medida que a academia se abre para as novas possibilidades, despindo-se do medo do beletismo, começamos a escrever uma nova história para o curso de Letras em que se reparam os despejos linguísticos e literários que nos atingiram ao longo desse processo de pós-colonização.

A análise do fenômeno de surgimento dos cursos de formação para a escrita no Brasil sinalizam um caminho novo para os cursos de Letras. No momento em que o exercício da docência



passa a exercer pouca atratividade para os estudantes, abrir mais uma possibilidade de profissionalização além da docência pode significar um novo ânimo para a área.

Pode-se afirmar que esta pesquisa ganha força à medida que se propõe a olhar para aquilo que pode o curso de Letras na contemporaneidade, posicionado no presente, mas com o foco nas suas configurações do passado (AGAMBEN, 2004). É desse modo que entendemos que a Formação de escritores no Brasil se instaura como um novo caminho para os cursos de Letras.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da Língua*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Vega: Passagens. Tradução de Antônio F. Cascais e Edmundo Cordeiro, 1992.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LAJOLO, Marisa. *No jardim das Letras, o pomo da discórdia*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio36.html>. Acesso: 02 jun. 2013.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura/ Política para o livro*. São Paulo: Summus, 2004.

MANOCELOS, João de. *O ensino da escrita criativa em Portugal: Preconceitos, verdades e desafios*. Actas do I EIELP. p.155 a 160. Exedra, 9 de Março de 2010.

RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). *Políticas culturais no governo Lula*. Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus arte). In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

*Febre nos EUA, cursos de formação de escritores se espalham pelo país*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,febre-nos-eua-cursos-de-formacao-de-escritores-se-espalham-pelo-pais,1137302>. Acesso em: 8 abr. 2014.

*Manifesto Temos fome de literatura*. Disponível em <http://portunhonselvagem.blogspot.com.br/2007/06/portunhol-selvagem-apoia-el-movimento.html>. Acesso em: 5 abr. 2013.

*Oficinas de criação literária iniciam a programação 2014*. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/babel/oficinas-de-criacao-literaria-iniciam-a-programacao-de-2014/>. Acesso em: 8 abr. 2014.

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *Oficinas literárias*. Disponível em: <http://www.laab.com.br/oficina.html>. Acesso em: 8 abr. 2014.

*Universidades integram oficinas de escrita criativa ao currículo.*

<http://noticias.terra.com.br/educacao/universidades-integram-oficinas-de-escrita-criativa-ao-curriculo,b40ddc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 8 abr. 2014.

<http://emec.mec.gov.br>. Consulta feita em Março de 2014.